

## DICIONÁRIO DO PENSAMENTO MÉDICO

LECOURT, Dominique. *Dictionnaire de la pensée médicale*. Paris: PUF, 2004. 1270 p.

Marlon Jeison Salomon\*  
marlonsalomon@hotmail.com

A desconfiança e a reserva parecem nutrir os olhares atuais diante da medicina. Políticos, intelectuais, jornalistas, religiosos, juristas, de esquerda ou de direita, conservadores ou progressistas – críticos ou não – denunciam-na por pôr em prática, há pelo menos três décadas, novas formas de eugenismo, novas técnicas de destruição da vida, com suas pesquisas sobre o embrião humano, novas fronteiras entre o humano e o inumano, entre o natural e o artificial.

De repente, ela se vê responsabilizada por despertar antigos pesadelos, durante muito tempo adormecidos, no seio de nossa cultura. Denúncias fervorosas nos lembram que novos Frankensteins podem estar abrindo os olhos em laboratórios estrategicamente espalhados por lugares desconhecidos e inacessíveis. No limite, ela se tornou a nova ameaça à seqüência triunfante da espécie humana sobre a face da terra.

Viu-se como, no final de 2005, o transplante realizado em Amiens (França) de parte da face de uma paciente que havia sofrido o ataque de um cachorro despertou violentas críticas, sobretudo, da parte dos guardiões da moral, doravante identificados como os responsáveis por zelar pelo verdadeiro conhecimento e práticas médicas.

As reservas desse olhar e desses acalorados discursos têm como correlato uma série de fatos importantes: o reforço dos comitês de ética, como mecanismo de controle da pesquisa médica; a identificação de inúmeras enfermidades às formas religiosas do mal e da falta, para as quais se definem terapêuticas precisas; a valorização de práticas terapêuticas cuja eficácia é apenas medida por valores como a crença.

Poderíamos simplesmente inscrever essa série de acontecimentos em uma época, que pode ser identificada, como se costuma fazer, ao recuo das

---

\* Professor da Universidade Federal de Goiás.

Luzes e ao suposto retorno de formas irracionais à cena social, política, econômica e cultural. Poderíamos, até mesmo, nomear essa época. Sim, pois boa parte da filosofia do progresso não apenas se afirmou como se apoiou nas conquistas claras e difundidas da medicina desde o século XIX. Tal identificação, porém, não mobiliza o pensamento. De toda maneira, é impossível não relacionar tais reservas aos acontecimentos que puseram fim à Segunda Guerra e colocaram a ciência – muitas vezes, não identificada a nada – entre parênteses.

No entanto, há toda uma série de objeções que lhe são feitas e postas em relevo: parte dessas críticas se deve a questões ligadas à própria medicina contemporânea, a problemas aos quais ela não é indiferente. Dentre eles, talvez o mais relevante é o que diz respeito à indústria farmacêutica, tal como ela se constituiu desde meados do século passado, sobretudo no que concerne ao domínio de patentes para uso e comercialização de certos remédios e aos problemas que lhe são decorrentes, especialmente nos países do Terceiro Mundo.

É no quadro dessas questões que sai agora na França o *Dictionnaire de la pensée médicale*, sob a coordenação do historiador e filósofo das ciências Dominique Lecourt. Com cerca de duzentos colaboradores de inúmeros países, o *Dictionnaire* conta com um número significativo de verbetes, em torno de três centenas. Mas é preciso que se esclareça: ele não é um dicionário de medicina ou de ciências médicas, tal como o espírito positivista do século XIX o concebia. Não pretende fornecer a árvore atual dos conhecimentos adquiridos nesse campo e nem objetiva funcionar como um vulgarizador da “ciência”.

Da mesma forma, não se deve confundir a singularidade e a extensão do projeto do *Dictionnaire de la pensée médicale* com aquele do *Dictionnaire d'histoire et philosophie des sciences*, também realizado sob a coordenação desse verdadeiro empreendedor das ciências humanas.<sup>1</sup> No *Dicionário* agora publicado, os textos referentes aos verbetes são tratados de outra maneira, o que lhes dá mais rigor e profundidade. Os textos não são apenas indicativos, não fornecem apenas referências históricas, geográficas e filosóficas sobre o verbe, seguido de uma pequena lista bibliográfica. Nele, os verbetes são tratados como conceitos, noções historicamente constituídas, que merecem um adequado tratamento filosófico e epistemológico.

É que a filosofia das ciências, tal como foi concebida e praticada na França, desde pelo menos Gaston Bachelard, define a prática científica como produtora de pensamento – vale dizer, de conceitos. No entanto, essa

prática produtora de conceitos não é indiferente à história que permitiu que ela os produzisse. A epistemologia, tal como se constitui na França no início do século XX, em oposição à maneira como o empirismo lógico, também nessa época, conceberia a ciência, não pode ser pensada sem essa indissociação entre a filosofia e a história.

O programa desse *Dicionário* se inscreve nesse campo de reflexão. Todavia, trata-se de um campo que, do ponto de vista metodológico, permanece totalmente aberto, pois não é possível estudar a constituição de certos conceitos, noções e disciplinas, a emergência de certos problemas, a formação de certas instituições, o acaso de certos acontecimentos, sem integrar a esse estudo questões de ordem sociológica, antropológica, política, econômica etc.

Os verbetes que compõem esse *Dicionário* percorrem o campo médico na sua mais vasta extensão e nos seus mais diferentes problemas: das variadas especialidades médicas, incluindo a psiquiatria, a psicanálise e a psicoterapia, até a cirurgia e a medicina veterinária; das diferentes concepções de saúde e organismo humano, tais como o hipocratismo, o galianismo, o cartesianismo, às transformações da biologia moderna que foram decisivas para a medicina; das antigas doenças, tais como a lepra, às novas enfermidades, tais como a obesidade e a depressão; das antigas epidemias, tais como a peste, às epidemias mundiais, tais como Aids, passando por todas aquelas que vieram à tona com a medicina pasteuriana; das antigas práticas terapêuticas à terapia genômica; do alcoolismo às drogas; da sífilis à sexualidade, passando pelo onanismo; das vísceras à pele; da arquitetura à literatura e à fotografia; da medicina árabe à medicina chinesa e pré-colombiana; da morte à vida, passando pela imortalidade; da ginástica ao esporte; do hospital ao sanatório; da Escola de Alexandria aos Institutos Pasteur de ultramar. Estes são alguns dos temas tratados nesse *Dicionário*. Nele o leitor encontrará, certamente, uma multiplicidade maior de assuntos e uma riqueza maior de questões que nenhum resumo poderia fornecer e que uma resenha apenas poderia indicar.

#### NOTA

1. Dominique Lecourt é professor na Universidade de Paris 7 – Denis Diderot. Em 1984, com Jacques Derrida, François Chatelet e Jean Pierre Faye, fundou o Collège International de Philosophie. Atualmente, é o coordenador do Centro Georges Canguilhem. É autor de mais de uma dezena de livros. No Brasil, ele permanece conhecido, sobretudo, por suas análises filosóficas do pensamento de Gaston Bachelard. Todavia seus trabalhos originais continuam pouco

discutidos entre nós. Dentre eles, destacaria *L'Amérique entre la Bible et Darwin* (PUF, 1998), sobre a história da introdução da teoria darwinista nos EUA. Em 1998, coordenou a publicação da *Encyclopédie des sciences* (Paris: Livre de Poche). O *Dictionnaire d'histoire et philosophie des sciences* foi publicado, em 1999, também pela PUF. Nessa editora, Lecourt coordena a publicação das prestigiosas coleções: Práticas Teóricas e Ciência, História e Sociedade; co-dirige a coleção Fórum Diderot a revista *L'aventure Humaine*.